

INCERTEZA VIVA

Viver o presente tal como ele é, enfrentando as dificuldades e inseguranças que se apresentam, é um desafio permanente. Em maior ou menor medida, cada um sente a urgência da busca por novas maneiras de relação com um mundo que parece nos escapar. Dessa forma, conhecer proposições artísticas que enxergam nas contingências não limites, mas possibilidades, pode ampliar as oportunidades de leitura e ação no mundo.

A partir da percepção de tal potencialidade, o Sesc e a Fundação Bial de São Paulo iniciaram, em 2010, uma relevante parceria, fruto da compatibilidade de suas missões para a difusão e fomento à arte contemporânea. Apostando no desenvolvimento de novos projetos artísticos, a presente edição da Bial de São Paulo consolida essa parceria através da coprodução de obras e da itinerância de trabalhos selecionados para as unidades do Sesc em Campinas, Rio Preto e Santos, assim como do desenvolvimento de ações educativas.

A ação compartilhada entre o Sesc e a Fundação Bial de São Paulo reafirma a convicção de ambas instituições na formação sensível e no estímulo à autonomia das pessoas como vetores de colaboração entre os diversos, possibilitando a transformação dos indivíduos e, por que não, apontando para as possibilidades de transformação da sociedade.

— Danilo Santos de Miranda
Diretor Regional do Sesc São Paulo

Desde 2011, o Programa de Itinerâncias da Bienal de São Paulo busca ampliar o impacto e a abrangência de cada edição da mostra paulistana, reforçando o papel da Fundação Bienal na pesquisa, fomento e difusão da produção contemporânea.

A exposição que aqui se apresenta, realizada em colaboração com o Sesc São Paulo, reflete a multiplicidade de formatos e linguagens da 32ª Bienal, projetando suas principais questões e debates rumo ao público de Santos, Campinas e São José do Rio Preto.

Concebida nos moldes de um jardim, INCERTEZA VIVA aposta na potência da arte para o enfrentamento de grandes questões do nosso tempo. Os mais de 900 mil visitantes que estiveram no Pavilhão da Bienal, em São Paulo, entre setembro e dezembro de 2016, atestam a pertinência e o impacto de seus propósitos. Que esse novo desdobramento permita lançar sobre ela olhares e inquietações renovados.

— João Carlos de Figueiredo Ferraz
Presidente da Fundação Bienal de São Paulo

O Itaú reconhece o papel fundamental das manifestações artísticas e culturais no processo de reflexão da sociedade contemporânea – e trabalha constantemente para incentivá-las. Assim, é com grande prazer que o grupo apoia, desde 2009, a realização da Bienal de São Paulo.

Por meio do Itaú Cultural, o grupo promove uma variedade de ações gratuitas – exposições, espetáculos, encontros, cursos, etc. –, ligadas a diferentes áreas de expressão. E, assim como a Bienal faz suas itinerâncias, o Itaú Cultural apresenta mostras – com obras pertencentes ao acervo do Itaú Unibanco, maior coleção corporativa da América Latina – em diversas regiões do Brasil.

Completando 30 anos em 2017, o Instituto ainda mapeia e estimula a produção de artistas contemporâneos por meio do programa de apoio Rumos. Além disso, disponibiliza um vasto conteúdo na internet, em itaucultural.org.br, o que inclui uma enciclopédia virtual de arte e cultura brasileiras, com mais de 5 mil verbetes e 12 mil imagens.

— Itaú

Quando promovemos conexões, aproximamos elementos que estão distantes, permitindo seu contato e, muitas vezes, criando algo transformador.

Realizar conexões que contribuem para o desenvolvimento do País e da sociedade é a razão de ser do trabalho da CTEEP. Pela sua infraestrutura trafegam 60% da energia consumida na Região Sudeste e quase 100% no Estado de São Paulo. Além da eletricidade, a companhia quer transmitir cultura e conhecimento às pessoas, transformando suas vidas. É essa preocupação com o desenvolvimento humano que motivou a empresa a dar continuidade à parceria de sucesso com a Fundação Bienal. É também esse ideal que mostra o quanto o apoio da companhia está alinhado à proposta das atividades itinerantes da Bienal.

Assim como a atuação da CTEEP busca interligar, por meio da energia, pontos diferentes do Brasil, as iniciativas itinerantes têm o objetivo de democratizar o acesso à arte a um número cada vez maior de pessoas.

A empresa tem muito orgulho de apoiar projetos educacionais dessa relevância, que estimulam a reflexão e a evolução intelectual dos cidadãos.

— CTEEP – Companhia de Transmissão de Energia Elétrica Paulista

Curadores

Jochen Volz

Gabi Ngcobo

Júlia Rebouças

Lars Bang Larsen

Sofía Olascoaga

Ministério da Cultura, Bienal, Itaú e Sesc apresentam

32ª BIENAL DE SÃO PAULO - ITINERÂNCIA
INCERTEZA VIVA

SESC CAMPINAS
14 FEV — 30 ABR 2017

SESC RIO PRETO
31 MAI — 13 AGO 2017

SESC SANTOS
5 SET — 19 NOV 2017



bienal são paulo



SUMÁRIO

12 INCERTEZA VIVA

16 Alicia Barney

18 Bárbara Wagner

20 Cecilia Bengolea
& Jeremy Deller

22 Felipe Mujica

24 Gabriel Abrantes

26 Gilvan Samico

28 Jonathas de Andrade

30 Maria Thereza Alves

32 OPAVIVARÁ!

34 Rachel Rose

36 Rayyane Tabet

38 Rikke Luther

40 Vídeo nas Aldeias

44 Créditos

INCERTEZA VIVA

A 32ª Bienal de São Paulo observa as noções de incerteza e as estratégias oferecidas pela arte contemporânea para abarcá-la ou habitá-la. A arte reage à incapacidade dos meios existentes de descrever o sistema do qual fazemos parte e dá espaço ao erro e à dúvida, criando brechas para apreensões mais profundas. O lugar onde a arte se funda, a imaginação, é recurso fundamental para que sejamos capazes de vislumbrar outras narrativas do passado e novos caminhos para o presente. INCERTEZA VIVA considera as incertezas como um sistema de orientação gerador e se constrói sob a convicção de que, para enfrentar as grandes questões do nosso tempo, é necessário desvincular a incerteza do medo. Ao se aproximar do pensamento cosmológico, das inteligências ambiental e coletiva, e das ecologias sistêmicas e naturais, essa Bienal configura-se como um jardim, no qual temas e ideias se entrelaçam livremente em um todo integrado, como uma ecologia em si mesma. A exposição baseou-se em diálogos entre diferentes produções de artistas de diversos países. Olhou também para uma série de artistas históricos, que fornecem um conjunto de estratégias que são hoje particularmente relevantes. A maioria dos projetos artísticos, no entanto, foi especialmente comissionada para a 32ª Bienal, no intuito de expandir os princípios criativos da incerteza em diferentes direções.

Algumas obras de arte abordam diretamente a natureza e os processos biológicos, botânicos ou alquímicos que podem nos ensinar sobre a diversificação e a multiplicidade. Alguns trabalhos incorporam ou investigam narrativas e formas de conhecimento. Outros examinam criticamente estruturas políticas, econômicas e midiáticas de poder e de representação. E, ainda, há os que acionam a imaginação e experimentam caminhos alternativos para avançarmos em direção ao futuro.

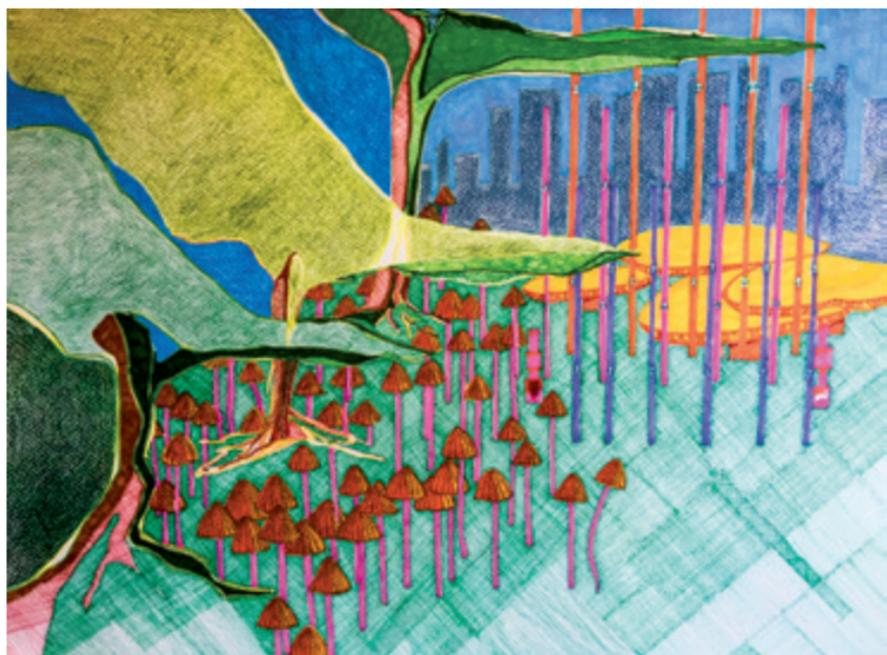
INCERTEZA VIVA é um processo coletivo que começou no início de 2015 e envolveu professores, estudantes, artistas, ativistas, lideranças indígenas, educadores, cientistas e pensadores. As itinerâncias da 32ª Bienal, realizadas em cidades do interior de São Paulo, no Brasil e além dele, vêm agora dar continuidade a esse processo. Assim como a arte naturalmente une o pensar e o fazer, a reflexão e a ação, é apenas através do encontro dos visitantes com as obras, com os programas públicos e educacionais da 32ª Bienal que a verdadeira riqueza de INCERTEZA VIVA emergirá. Hoje, é papel da Bienal ser uma plataforma que promova ativamente a diversidade, a liberdade e a experimentação, ao mesmo tempo exercendo o pensamento crítico e propondo outras realidades possíveis.

— Jochen Volz, Gabi Ngcobo, Júlia Rebouças,
Lars Bang Larsen e Sofía Olascoaga

ALICIA BARNEY

1952, Cali, Colômbia. Vive em Bogotá, Colômbia

A obra de Alicia Barney levanta questões ligadas à ecologia, promovendo duras críticas ao modelo de desenvolvimento capitalista e sua relação com a natureza. Alguns de seus trabalhos conectam elementos da paisagem aos problemas ambientais, seja através da exibição de água poluída apanhada no rio Cauca, na Colômbia (**Río Cauca**, 1981-1982), ou do ar coletado em uma zona industrial e exposto em cubos de vidro (**Yumbo**, 1980). Certa de que aspectos da vida diária se integram à produção artística, Barney desenvolveu também instalações com objetos e materiais recolhidos em seu entorno (**Diario objeto I e II**, 1977 e 1978-1979, e **Un día en la montaña** [Um dia na montanha], que integra a série II). Por meio da ideia de artista-xamã, ela destaca o caráter mágico ou ritual de seu vínculo com esses objetos, retomando o gesto de povos indígenas pré-hispânicos. Em **Valle de Alicia** [Vale de Alicia] (2016), Barney intervém na paisagem do Jardim do Galpão do Sesc Campinas, construindo um instrumento feito de tubos, semelhante a um órgão, para ser tocado aleatoriamente pelo vento. Junto ao instrumento foram instaladas esculturas de cogumelos feitas de papel e resina, sobrepondo uma camada psicodélica àquela paisagem e concatenando a ação do acaso, o estímulo aos sentidos e alterações na percepção do cotidiano.



Estudo para Valle de Alicia
[Vale de Alicia], 2016

BÁRBARA WAGNER

1980, Brasília, Distrito Federal, Brasil. Vive em Recife, Pernambuco, Brasil

O brega é música, dança, cena cultural e economia criativa na periferia do Recife. Em duas linhagens, funk e romântico, constitui uma cadeia de MCs, DJs, bailarinos, produtores, empresários e público. Seus hits – eróticos, irônicos, lamuriosos e, em alguns casos, ainda machistas – extrapolam os limites socioeconômicos dos bairros e participam da paisagem sonora de uma cidade convulsiva em suas diferenças. Com caráter documental, as fotografias da série **Mestres de Cerimônias** (2016) registram a realização de videoclipes do brega, potente elemento de propagação de uma imagética no limiar entre o precário e a ostentação. O brega torna-se voz e autoestima diante da dominação dos parâmetros de identidade e de gosto.



Bárbara Wagner
Conjunto de fotografias da série
Mestres de Cerimônias, 2016

CECILIA BENGOLEA & JEREMY DELLER

1979, Buenos Aires, Argentina. Vive em Paris, França / 1966, Londres, Reino Unido. Vive em Londres

A coreógrafa, dançarina e performer Cecilia Bengolea trabalha em parceria com o artista Jeremy Deller neste projeto que parte de fenômenos da cultura popular contemporânea, sobretudo da música e da dança, para pensar suas relações com a economia, as condições de trabalho e os sistemas políticos. Num complexo emaranhado de influências tradicionais e modernas e alinhados a contextos culturais e políticos específicos, Bengolea e Deller trazem à vista movimentos identitários de resistência e afirmação de gênero, sexualidade e comportamento. A dança popular associada a estilos musicais produziu diversas tendências dentro da cultura urbana das últimas décadas. Assim como o break, o voguing e o twerk, o estilo dancehall de dança e música coloca a linguagem corporal em evidência e mostra uma coreografia peculiar, combativa e, por vezes, sexualizada. É sobre esse gênero, muito popular na Jamaica, que os artistas desenvolveram o vídeo **Bombom's Dream** [Sonho de Bombom] (2016).



Fotogramas de Bombom's Dream
[Sonho de Bombom], 2016

Os projetos de Felipe Mujica se organizam a partir de duas formas principais de atuação: de um lado, sua pesquisa visual, que envolve a criação de instalações de painéis de tecido móveis e interativos; de outro, a organização colaborativa de exposições, publicações e gestão de espaços culturais. Permeia essa atuação a investigação sobre o passado recente da arte latino-americana, com interesse específico por experiências que aproximam educação e arte moderna. Aspecto fundamental de seu método de trabalho é a abertura da obra ao diálogo com outros artistas, com o público e com comunidades. No projeto **Las universidades desconocidas** [As universidades desconhecidas] (2016), Mujica trabalha em parceria tanto com os artistas brasileiros Alex Cassimiro e Valentina Soares, como com o grupo Bordadeiras do Jardim Conceição, formado por cerca de quarenta moradoras desse bairro na cidade de Osasco. A partir de desenhos realizados pelo artista, os grupos de colaboradores criaram e confeccionaram as cortinas que compõem a instalação. Produzidas com os mesmos materiais e técnicas distintas, as peças costuram saberes pessoais formados por diferentes repertórios e experiências, unidos agora como lados complementares de uma mesma realidade: o trabalho criativo coletivo.



Vista da instalação *Untitled (El Quisco)*
[Sem título (El Quisco)], 2013

GABRIEL ABRANTES

1984, Chapel Hill, Carolina do Norte, EUA. Vive em Lisboa, Portugal

Gabriel Abrantes explora a linguagem cinematográfica em sua produção de filmes e vídeos – os roteiriza, dirige, produz e neles ocasionalmente atua. Aborda temas históricos, sociais e políticos ao discutir questões pós-coloniais, de gênero e identidade. Suas obras criam camadas de leituras improváveis ao alterar narrativas tradicionais e tocam o absurdo, o folclore, o humor e a política. **Os humores artificiais** (2016) foi rodado no Mato Grosso (Canarana e nas aldeias Yawalapiti e Kamayura dentro do Parque Indígena do Xingu) e em São Paulo. Misturando certa estética hollywoodiana com abordagens típicas do registro documental, o filme conta a jornada de um robô programado para ser comediante e que se apaixona por uma indígena. A obra, de natureza insólita, coloca em questão a natureza do humor em diversos grupos indígenas em contraste com o progresso e a inteligência artificial.



Fotogramas de Os humores artificiais, 2016

Gilvan Samico apresenta em suas gravuras mitos e cosmologias repletos de simbologias. Suas composições têm a simetria e a verticalidade como valores que organizam narrativas sobre a natureza – sendo homens e mulheres parte desse ambiente – e instâncias sagradas que se relacionam com a vida terrena. Iniciou sua prática artística como autodidata no Recife, mas depois estudou sob tutela de Lívio Abramo e Oswaldo Goeldi. A impressão de suas gravuras era feita de forma minuciosa e manual. A produção de cada peça presente na 32ª Bienal levou um ano de trabalho do artista, entre 1975 e 2013. Influenciado pela arte popular nordestina, Samico tem como referência a literatura de cordel e o Movimento Armorial, sendo o encontro com o escritor Ariano Suassuna um importante ponto de inflexão em sua trajetória. Partindo de narrativas locais, Samico traça uma história visual que engloba cosmologias sobre a formação do mundo e o estudo de livros como a trilogia **Memoria del Fuego**, do escritor uruguaio Eduardo Galeano, publicada entre 1982 e 1986. Assim, os títulos das obras funcionam como chaves de leitura que, junto às imagens, revelam camadas que pertencem e povoam o imaginário de tantas culturas.



A Ascensão, 2004

JONATHAS DE ANDRADE

1982, Maceió, Alagoas, Brasil. Vive em Recife, Pernambuco, Brasil

Jonathas de Andrade trabalha com suportes variados, como instalação, fotografia e filme, em processos de pesquisa que têm profundo caráter colaborativo. Sua obra discute a falência de utopias, ideais e projetos de mundo, sobretudo no contexto latino-americano, especulando sobre sua modernidade tardia. Em seu trabalho, afetos que oscilam entre a nostalgia, o erotismo e a crítica histórica e política são agenciados para abordar temas como o universo do trabalho e do trabalhador, e a identidade do sujeito contemporâneo, quase sempre representado pelo corpo masculino. O filme **O peixe** (2016), apresentado pela primeira vez na 32ª Bienal, acompanha pescadores pelas marés e pelos manguezais de Alagoas, que utilizam técnicas tradicionais de pesca, como rede e arpão, na espera pelo tempo necessário para capturar a presa. Cada pescador encena uma espécie de ritual: eles retêm os peixes entre seus braços até o momento da morte, uma espécie de abraço entre predador e presa, entre vida e morte, entre o trabalhador e o fruto do trabalho, no qual o olhar – do pescador, do peixe, da câmera e do espectador – desempenha papel crucial. Situada num território híbrido entre documentário e ficção, a obra dialoga com a tradição etnográfica do audiovisual.



Fotogramas de O peixe, 2016

A obra de Maria Thereza Alves envolve aspectos da vida atual ou vestígios encontrados no presente que apontam para ações movidas no passado. A fim de destacar a situação dos povos indígenas da América, a artista desenvolve trabalhos que abrangem questões sobre território, patrimônio cultural e história da colonização. **Uma possível reversão de oportunidades perdidas (2016)** promove uma discussão em torno de aspectos do conhecimento autóctone ignorados pelas instituições brasileiras e por seus pesquisadores não indígenas, devido a um imaginário ainda marcadamente colonial. A artista, junto a um grupo de estudantes universitários indígenas, incita à proposição de tópicos geralmente não abordados em conferências de diversos campos de pesquisa como saúde, engenharia, educação, ciência, arte, cultura e filosofia. A partir desses tópicos, que levam em consideração não só o conhecimento dos povos nativos, mas também suas demandas científicas, Alves produz cartazes para conferências fictícias, cujas datas impressas sugerem a ideia de terem sido de fato realizadas. Por meio dos cartazes, sua ação busca confrontar a ausência desse debate e o silenciamento dos povos indígenas, em uma sistemática exclusão de sua cultura e de seus saberes no ambiente acadêmico brasileiro e na vida pública.



Uma possível reversão de
oportunidades perdidas, 2016

OPAVIVARÁ! é um coletivo artístico que faz uso de elementos do cotidiano para modificar a dinâmica dos espaços onde se insere. Eles intervêm em objetos e hábitos, alteram seu funcionamento e propõem outras engrenagens, cujo uso requer desaprender o que se pensava conhecido, de modo a reinserir o prazer e o afeto como valores políticos. A criação desses objetos ganha novo sentido quando são trazidos a público e habitados pelos participantes, deflagrando situações, encontros e vivências que visam gerar um curto-circuito nos valores e protocolos dos sistemas nos quais atuam, seja uma praça, seja um museu. Na 32ª Bienal, o coletivo apresenta o trabalho **Transnômades** (2016), um conjunto de dispositivos móveis de interação pública, que circula pela exposição e por pontos específicos da cidade, buscando um diálogo com as formas de expressão do comércio ambulante e dos carregadores. O OPAVIVARÁ! ressignifica os carrinhos movidos por tração humana e lhes confere usos ligados aos entretempos de trabalho dos próprios carregadores e carroceiros, transformando tais dispositivos em cama, cabana, biblioteca e carro de som. Trata-se de uma reflexão sobre a condição dos agentes nômades da cidade: sua situação vacilante entre lei e improviso, a gambiarra como prática de subsistência e seu estado permanente de migração.

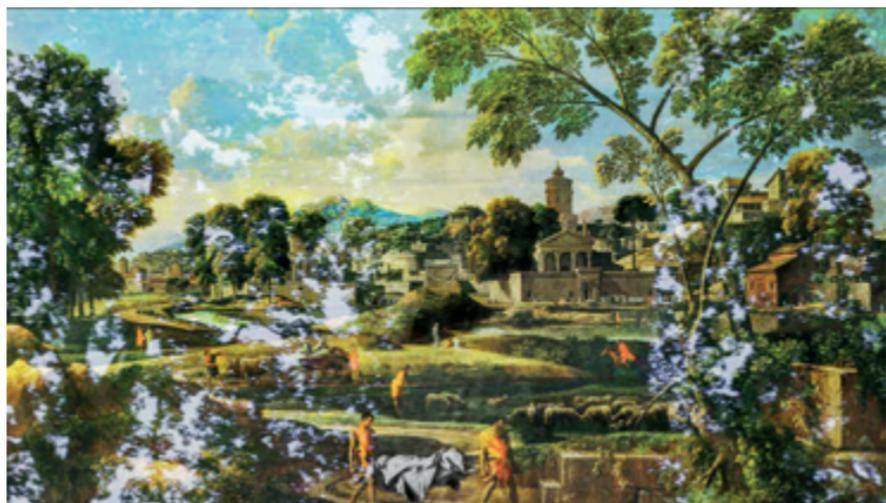


Pesquisa para projeto Transnômades, 2016

RACHEL ROSE

1986, Nova York, EUA. Vive em Nova York

Em seus vídeos e instalações, Rachel Rose constrói narrativas por meio de processos de edição, utilizando a livre e abundante circulação e associação de vídeos e imagens. A sobreposição de camadas, procedimento comum à pintura, é aplicada aqui a arquivos digitais, criando uma imagem híbrida com forte potencial sinestésico. **A Minute Ago** [Um minuto atrás] (2014) é uma reflexão sobre a experiência da catástrofe, que mescla um vídeo, encontrado no YouTube, sobre uma súbita tempestade de granizo em uma praia com relatos do arquiteto americano Philip Johnson em sua Casa de Vidro, os quais, por sua vez, são confrontados com a reprodução da pintura **O funeral de Phocion** (1648), do francês Nicolas Poussin, entre outros elementos.



Fotogramas de A Minute Ago
[Um minuto atrás], 2014

Produzido para a 32ª Bienal, o projeto **Sósia** (2016 – em curso), de Rayyane Tabet, tem como ponto de partida uma ficção do artista sobre a diáspora libanesa no Brasil e a narrativa que a envolve, culminando na esperança de um eventual retorno e resgate. O trabalho consiste na encomenda da tradução do português para o árabe do romance **Um copo de cólera** (escrito em 1970 e publicado em 1978), do escritor brasileiro Raduan Nassar, filho de imigrantes libaneses, e na publicação do livro em Beirute. A tradução foi feita por Mamede Jarouche, tradutor da primeira edição completa em português do livro **As mil e uma noites**, e será publicada pela editora libanesa Al-Kamel Verlag. O trabalho de Tabet pode ser visto como uma colaboração circular entre o artista, o autor, o tradutor e a editora; um encontro entre narrativas e pessoas. O próprio artista assume o papel de provocador, que leva adiante uma ideia com potencial de transformar a compreensão cultural de duas sociedades relacionadas, mas distintas. Na exposição, pode-se ouvir em diversos lugares uma gravação de Tabet lendo em árabe o famoso capítulo “O esporro”. A história de Nassar foi escrita no auge da ditadura militar no Brasil e fala de amor, desejo e raiva.

Sósia

Da primeira vez que ouvi falar no Brasil, ele era um número.

Desde quando me lembro, foi dito que havia 7 milhões de libaneses vivendo no Brasil.

Nem um a mais, nem um a menos. Exatamente 7 milhões.

Sendo isso quase o dobro da população do Líbano, esse número sempre foi usado como narrativa nacional de uma diáspora bem-sucedida que, um dia, viria resgatar o país de si mesmo.

Se pudéssemos esperar só mais um pouco, se conseguíssemos sobreviver à atual crise, todos os libaneses do Brasil viriam correndo de volta nos ajudar!

Era como se cada cidadão tivesse um duplo que vivesse por lá, um duplo que dava sentido à experiência que se vivia em nosso país.

Acabei crescendo e me dando conta de que essa história não era verdadeira, mas resolvi continuar acreditando nela.

No dia 22 de janeiro de 2016, fui convidado a participar da 32ª Bienal de São Paulo.

Alguns dias depois, quando tentava me consolar com a ideia de que precisaria recusar o convite por falta de tempo, fui almoçar com minha irmã.

Ela demorou a chegar, então entrei em uma livraria vizinha para passar o tempo.

Fui à seção de clássicos e escolhi o livro mais fino que encontrei.

Era *Um copo de cólera*, de Radian Nassar; um romance escrito por um autor brasileiro de origem libanesa nos anos 1970, que acabara de ser lançado em inglês.

O livro nunca havia sido traduzido para o árabe.

Então comecei a pensar sobre como Radian Nassar soaria na voz de seus antepassados.

O que significaria levar aquele texto de volta ao Líbano?

E se a diáspora retornasse como uma história que não se parecia com nenhuma outra narrativa clássica de sucesso e riqueza e anseios por um país perdido?

E se voltasse como uma história escrita no auge da ditadura militar no Brasil, sobre amor, desejo e ódio?

Foi então que me dei conta de que não conseguiria evitar lidar com essa história e aceitei o convite para participar da exposição.

Em **Overspill: Universal Map** [Transbordamento: Mapa universal] (2016), Rikke Luther explora a natureza orgânica e concreta do mundo e apresenta o resultado de uma pesquisa que combina interesses diversos e faz referência ao colapso dos conceitos modernos de progresso. A instalação é composta por painéis de azulejos com desenhos em diagramas, relacionando paisagens naturais e catástrofes ambientais com os Bens Globais Comuns (oceano, atmosfera, espaço sideral e Antártida), cuja exploração não pode mais ser regulada pelos acordos estabelecidos pela ONU desde a Segunda Guerra Mundial. Encontram-se ainda na instalação amostras de petróleo e de lama tóxica recolhida em Mariana, Minas Gerais. Ao lado desses elementos que investigam nossas relações com os lugares que habitamos (casa, Estado, planeta), encontra-se uma cultura de mixomicetos, seres cuja classificação biológica é incerta. Dotados de um tipo peculiar de inteligência, são capazes de formar redes e se alimentar de metais pesados, podendo assim despoluir solos contaminados. Completa esse conjunto a escultura de um fóssil de prototaxites – possível ancestral dos fungos que habitou a Terra há cerca de 400 milhões de anos. Esses seres podem remeter a uma era na qual dominavam o mundo outras formas de inteligência.

Há três décadas, o Vídeo nas Aldeias tem mobilizado debates centrais aos povos indígenas e à produção e difusão audiovisual. O projeto tem como um de seus objetivos a formação de realizadores indígenas, desestabilizando narrativas forjadas com base no olhar externo. Questões éticas e escolhas estéticas são entrelaçadas em seus projetos, que tratam de assuntos como rituais, mitos, manifestações culturais e políticas, e experiências de contato e de conflito com os brancos. Fundado pelo indigenista Vincent Carelli, Vídeo nas Aldeias capta recursos e circula seus trabalhos, realiza exposições em comunidades indígenas, festivais de cinema, televisão, internet e elabora materiais didáticos. Para a 32ª Bienal, Ana Carvalho, Tita e Vincent Carelli criaram a instalação inédita **O Brasil dos índios: um arquivo aberto** (2016), que configura um espaço de imersão em imagens, gestos, cantos e línguas de vinte povos distintos, entre eles os Xavante, Guarani Kaiowá, Fulni-ô, Gavião, Krahô, Maxakali, Yanomami e Kayapó. Reunidos por sua força discursiva e imagética, os trechos constituem mais um ponto de resistência coletiva às tentativas de invisibilidade e apagamento de grupos indígenas e provocam uma ampla reflexão sobre alteridade e convenções de perspectivas culturais.



Fotograma de Ritual Kateoku;
povo Enawenê-Nawê, 1995-1996

CRÉDITOS DE IMAGEM

- ALICIA BARNEY**
16 **Valle de Alicia**
Coleção: Yamile Velosa / Maria Belén Saes de Ibarra / Departamento Cultural Universidad Nacional de Colômbia
Imagem: Alicia Barney
- BÁRBARA WAGNER**
18 **Mestres de Cerimônias**
Cortesia: Solo Shows, São Paulo
Fotografia: Pedro Ivo Trasferetti / Fundação Bienal de São Paulo
- CECILIA BENGOLEA & JEREMY DELLER**
20 **Bombom's Dream**
Imagem: Cecilia Bengolea & Jeremy Deller
- FELIPE MUJICA**
22 **Untitled (El Quisco)**
Cortesia: do artista
Imagem: Felipe Mujica
- GABRIEL ABRANTES**
24 **Os humores artificiais**
Coleção: Fundação de Serralves, Porto e Colección Intelcom de Arte Contemporâneo, Madri
Cortesia: do artista
Imagem: Gabriel Abrantes
- GILVAN SAMICO**
26 **A Ascensão**
Coleção: Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães, Recife
Cortesia: Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães, Recife
Imagem: Gilvan Samico
- JONATHAS DE ANDRADE**
28 **O peixe**
Imagem: Jonathas Andrade
- MARIA THEREZA ALVES**
30 **Uma possível reversão de oportunidades perdidas**
Imagem: Kai-Morten Vollmer
- OPAVIVARÁ!**
32 **Transnômades**
Cortesia: dos artistas
Imagem: OPAVIVARÁ!
- RACHEL ROSE**
34 **A Minute Ago**
Cortesia: Gavin Brown's Enterprise, Nova York; Pilar Corrias Gallery, Londres
Imagem: Rachel Rose
- RAYYANE TABET**
36 **Nota sobre Sósia**
- RIKKE LUTHER**
38 **Overspill: Universal Map**
Cortesia: da artista
Imagem: Rikke Luther
- VÍDEO NAS ALDEIAS**
40 **Ritual Kateoku; povo Enawenê-nawê**
Coleção: Acervo Vídeo nas Aldeias, Olinda
Cortesia: Vídeo nas Aldeias, Olinda
Imagem: Vincent Carelli / Vídeo nas Aldeias

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

ADMINISTRAÇÃO REGIONAL NO ESTADO DE SÃO PAULO

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL

Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL

Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES

Técnico-Social Joel Naimayer

Padula **Comunicação Social**

Ivan Giannini **Administração**

Luiz Deoclécio Massaro

Galina **Assessoria Técnica**

e de Planejamento Sérgio

José Battistelli

GERENTES

Artes Visuais e Tecnologia

Juliana Braga de Mattos

Adjunta Nilva Luz **Assistentes**

Sandra Leibovici e Kelly

Cecília Teixeira **Estudos**

e Desenvolvimento Marta

Colabone **Adjunto** Iã

Paulo Ribeiro **Assistente**

Fernando Marineli **Artes**

Gráficas Hécio Magalhães

Adjunta Karina Musumeci

Assistente Rogério Ianelli

Difusão e Promoção Marcos

Ribeiro de Carvalho

Adjunto Fernando Fialho

SESC CAMPINAS

Gerente Hideki M.

Yoshimoto **Adjunta** Camila

Renata Machado Antônio

Programação Flávia Lopes

Marques **Assistentes**

Christine Villa Santos,

Cássio Quitério, Denis

Salzano e Camila Amaral

Tavares **Administrativo**

Nóbrega Arimateia Sales

Alimentação Elianne Pires

Atendimento e Comunicação

Ariane Magalhães

Campos **Infraestrutura**

Edson Gualberto de

Souza **Operações de Serviços**

Tatiana Fukuhara Borges

SESC RIO PRETO

Gerente Sebastião Eduardo

Costa Martins **Adjunta**

Fabiola Gaspar das Dores

Programação Graziela Nunes

Assistente Vanessa Helena

Guilherme Machado

Administrativo Ivan Franco

dos Santos **Alimentação**

Camila Barbosa Granado

Atendimento Renata Zanin

Covizi **Comunicação** Jefferson

de Almeida Santanielo

Infraestrutura Pedro

Henrique Horta de Oliveira

Operações de serviços Arlindo

Aparecido Sanches Stábile

SESC SANTOS

Gerente Luiz Ernesto

Alvarez Figueiredo

Adjunta Maracelia Ramos

Teixeira **Programação** Luiz

Fernando Dos Santos

Silva **Assistente** Rani Bacil

Fuzzetto **Administrativo** Otto

T. A. Affonso **Alimentação**

Carmen Lucia Saito Lelli

Atendimento e Comunicação

Carla de Souza Monteiro

Infraestrutura Eduardo

Antonio da Silva **Logística**

Marco Antonio Massei

Porto **Operações de serviços**

Edvaldo Paulino da Silva

FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO

DIRETORIA

João Carlos de Figueiredo
Ferraz · *presidente*
Eduardo Saron
Flavia Buarque de Almeida
João Livi
Justo Werlang
Lidia Goldenstein
Renata Mei Hsu Guimarães
Ricardo Brito Santos Pereira
Rodrigo Bresser Pereira

SUPERINTENDÊNCIA

Luciana Guimarães

Equipes internas

Administrativo-Financeiro,
Comunicação, Projetos,
Relações Institucionais
e Captação

32ª BIENAL DE SÃO PAULO

Curadoria

Jochen Volz · *curador*
Cocuradores
Cocuradores
Gabi Ngcobo
Júlia Rebouças
Lars Bang Larsen
Sofía Olascoaga

Arquitetura

Alvaro Razuk

CRÉDITOS DA PUBLICAÇÃO

Organização, edição e projeto gráfico

Equipe Bienal

Autores

Ana Maria Maia
Catarina Duncan
Diego Matos
Gabriela Longman
Hortência Nunes Abreu
Jochen Volz
Marilia Loureiro
Regiane Ishii
Thiago Gil

Tradução

Alexandre Barbosa
de Souza

Preparação e revisão

Lívia Azevedo Lima
Sandra Brazil

Produção gráfica

Nilton Andrade Bergamini

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



CORREALIZAÇÃO



PATROCÍNIO MASTER



PATROCÍNIO

Bloomberg
Philanthropies



APOIO

Alupar



Itaú
cultural

REALIZAÇÃO



MINISTÉRIO DA
CULTURA



© Copyright da publicação: Fundação Bienal de São Paulo.
Todos os direitos reservados.

As imagens e os textos reproduzidos nesta publicação foram cedidos por artistas, fotógrafos, escritores ou representantes legais e são protegidos por leis e contratos de direitos autorais. Todo e qualquer uso é proibido e condicionado à expressa autorização da Bienal de São Paulo, dos artistas e dos fotógrafos.

Todos os esforços foram feitos para localizar os detentores de direitos das obras reproduzidas, mas nem sempre isso foi possível. Corrigiremos prontamente quaisquer omissões, caso nos sejam comunicadas.

bienal.org.br
sescsp.org.br

Fontes: Sabon (Linotype), e Knockout (Hoefler & Co.)
Papéis: Cartão Super 6 Plus 240g/m² e Off Set 75g/m²



bienal



LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA

MINISTÉRIO
DA CULTURA



Sesc Campinas

De 14/2 a 30/4

Rua Dom José I, 270/333

CEP 13070-741 - Campinas - SP

TEL.: (19) 3737.1500

Sesc Rio Preto

De 31/5 a 13/8

Av. Francisco das Chagas Oliveira, 1333

CEP 15090-190 - São José do Rio Preto - SP

TEL.: (17) 3216.9300

Sesc Santos

De 5/9 a 19/11

Rua Conselheiro Ribas, 136

CEP 11040-900 - Santos - SP

TEL.: (13) 3278.9800

sescsp.org.br

Ministério da Cultura, Bienal, Itaú e Sesc apresentam

32ª BIENAL DE SÃO PAULO - ITINERÂNCIA
INCERTEZA VIVA